

“Terra de ninguém”? Vivência do espaço e criação de laços sociais e pertencimentos em uma cidade com alta taxa de imigração

Giuliana Franco Leal

UFRJ

p. 83-96

revista



USP

espaço e tempo

Volume 20 • nº 1 (2016)

ISSN 2179-0892

Como citar:

LEAL, G. F. “Terra de ninguém”? Vivência do espaço e criação de laços sociais e pertencimentos em uma cidade com alta taxa de imigração. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 20, n. 1, p. 83-96, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/102024>. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2016.102024>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

“Terra de ninguém”? Vivência do espaço e criação de laços sociais e pertencimentos em uma cidade com alta taxa de imigração

Resumo

Este artigo discute a relação de pessoas com os lugares onde vivem, na esteira da discussão sobre as transformações nos laços sociais na atual fase da modernidade. A partir de pesquisa empírica, de caráter qualitativo e exploratório, com migrantes internos que moram em Macaé-RJ, investiga pertencimentos e laços sociais estabelecidos no âmbito da cidade, discutindo hipóteses que os expliquem, com ênfase na configuração contemporânea do tempo/espaço e na construção simbólica de lugares em espaços urbanos. Na pesquisa, percebeu-se a tendência de polarização entre as esferas profissional e pessoal, faltando oportunidades para formar outros laços, pertencimentos e compromissos. A alta mobilidade da cidade influencia a relação dos sujeitos com ela. Mas a principal dificuldade para construir vínculos reside na dinâmica social global do tempo, do espaço e das relações sociais: trata-se da falta de acesso a espaços públicos de diálogo e discussão de questões coletivas.

Palavras-chave: Cidades. Espaços públicos. Lugar. Laços sociais. Pertencimentos.

“No man’s land”? Space and social ties in a medium city

Abstract

This paper focuses on the relationship between people and the places where they live, inside the discussion about the changes in social ties in the current phase of modernity. We use empirical, qualitative and exploratory research, interviewing migrants workers who live in Macaé-RJ. We investigate affiliations and social ties established within the city, to discuss hypotheses that explain them, with emphasis on contemporary setting time/space and on the symbolic construction of urban areas. There is a polarization between professional sphere and personal sphere, and a lack of opportunities for creation of other ties, affiliations and

commitments. The high mobility influences the relationship of individuals with the city. But the main difficulty in forming social ties originates in global social dynamics of time, space and social relations: it is linked to lack of access to public dialogue and debate issues of collective spaces.

Keywords: Cities. Public spaces. Territory. Social ties. Local affiliations.

Introdução

Contemporaneamente, reconfiguram-se as formas de vivenciar o tempo e o espaço, em parte devido à dinâmica da globalização do capital e da flexibilização das relações entre trabalho e capital. Nesse contexto, as relações das pessoas com os lugares onde vivem é um tema importante e muito conectado à temática dos vínculos sociais dos indivíduos entre si e deles com a sociedade. Este tema se coloca no bojo das discussões sobre a superação ou mudança das principais características da modernidade.

Nesse debate amplo, que agrega autores de disciplinas diversas, enfrentam-se desde teses sobre a superação da modernidade pela pós-modernidade até teses de que a atual fase é caracterizada por uma radicalização das características da modernidade. Harvey (1993), por exemplo, defende que desde a década de 1970, assistem-se três movimentos relacionados entre si: um novo ciclo de compressão do espaço/tempo, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e a ascensão das formas culturais pós-modernas, as quais consistem na lógica cultural do capitalismo tardio. A aceleração do tempo de giro na produção e no consumo corresponde ao aumento da volatilidade e da efemeridade dos produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, valores e práticas. Nesse contexto, ocorreria a passagem da cultura moderna, universalista, à aceitação pós-moderna do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e da alteridade.

Contudo, a pós-modernidade não é entendida necessariamente como algo que se opõe à modernidade. Bauman (1999) usa o termo pós-modernidade, na década de 1990, como equivalente à “modernidade que atinge a maioria, a modernidade olhando-se à distância e não de dentro” (Bauman, 1999, p. 288). Da mesma maneira que Harvey (1993), ele caracteriza a modernidade principalmente pelo seu projeto universalista (mesmo que este seja parte de uma autoilusão), e caracteriza a pós-modernidade pela aceitação da contingência da modernidade e promoção da tolerância à divergência.

Poucos anos mais tarde, Bauman (2001) preferiu usar o termo modernidade líquida ou modernidade leve para diferenciar a fase mais recente da modernidade de seu estágio anterior, que ele chama de modernidade sólida ou pesada. Na transição entre essas fases, houve intensificação de características da modernidade, em especial, da separação do tempo e do espaço na vida prática e da apresentação dos membros da sociedade como indivíduos.

Na modernidade pesada, poder e riqueza tinham forte tendência à fixação no território, capital e trabalho estavam comprometidos por dependência mútua que os obrigava à convivência constante e as relações de trabalho se apoiavam em estruturas mais duráveis. Por sua vez, na modernidade leve ou líquida, a mobilidade e a inconstância passaram a dar o tom

das relações entre capital e trabalho: o capital se tornou mais volátil e o trabalho humano se descorporificou, de modo que o capital viu crescer sua independência em relação à duração de qualquer comprometimento local com o trabalho. Assim, os trabalhadores ficaram sujeitos à precariedade, vulnerabilidade e instabilidade, conceitos que articulam a incerteza quanto à existência de habilidades e experiências que garantam emprego para a vida toda e a “experiência combinada de falta de garantias (de posições, títulos e sobrevivência), da incerteza (em relação à continuidade e estabilidade futuras) e de insegurança (do corpo e extensões: posses vizinhança, comunidade)” (Bauman, 2001, p. 184).

Não é de se estranhar que, em meio às dificuldades de consolidação de projetos de longo prazo, a capacidade de estabelecer laços estáveis fique abalada. Sennet (2005) percebe que as relações de trabalho contemporâneas são marcadas pela indução dos trabalhadores a frequentes mudanças, inclusive de empregos e às vezes de cidade, dificultando o estabelecimento de princípios e relações cuja construção demanda tempo – como é o caso dos pertencimentos e compromissos.

Nesta pesquisa, nos perguntamos quais laços, pertencimentos e compromissos podem os indivíduos estabelecer em e com uma cidade para a qual migraram em função de oportunidades de trabalho e da qual talvez voltem a partir.

Esse estudo empírico tem lugar no município de Macaé, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Com 224.442 habitantes (dos quais, 202.859 em área urbana), segundo o Censo Demográfico de 2010, Macaé teve um crescimento populacional rápido e proporcionalmente elevado, em função da alta taxa de imigração de trabalhadores que para ali se mudaram, sozinhos ou com suas famílias, para procurar ou ocupar postos de trabalho gerados a partir da instalação da Petrobras no município, na década de 1970. A taxa de mobilidade do município permanece alta nas décadas seguintes.¹ Sendo formada por significativa parcela de imigrantes de diferentes origens, em boa parte atraídos por oportunidades de trabalho criadas por um modelo de desenvolvimento centrado na indústria extrativista de petróleo (Paganoto, 2008), esta cidade se mostrou extremamente adequada para a pesquisa.

Objetivos e estratégias de pesquisa

Nosso universo de pesquisa baseou-se no critério da migração para a cidade em virtude de oportunidades de trabalho. Inicialmente, foram entrevistadas 28 imigrantes residentes em Macaé ou cidades adjacentes, tendo sido selecionados para aprofundamento da pesquisa treze imigrantes internos (ou seja, do próprio país) que estavam morando na cidade, no momento da entrevista, por períodos que variam de três a oito anos.

O conjunto de entrevistados tem em comum serem trabalhadores qualificados, com formação escolar de nível superior. Esta escolha se deveu a uma necessidade da segunda parte da pesquisa, cujos resultados foram publicados em outro artigo, a respeito da flexibilidade das relações de trabalho e das demais relações sociais. Tínhamos por hipótese que a exigência de flexibilidade os atingia mais fortemente, em razão de sua tendência a alto investimento alto afetivo,

¹ Em 2000, 46,07% da população de Macaé era formada por imigrantes – uma taxa muito acima da levanta pelo estado do Rio de Janeiro, de 34,94%. Nos anos seguintes, a cidade continuou crescendo, em boa parte em função da imigração (Paganoto, 2008).

financeiro e temporal na construção da profissão, e da importância da carreira e da profissão para a construção do próprio modo de se enxergarem e de se situarem no mundo social, sendo seu sucesso profissional um fator essencial na definição de seu lugar nas relações de poder.

Respeitadas as características comuns aos entrevistados listadas acima, optou-se pela heterogeneidade interna da amostra quanto a outros critérios que pudessem levar à diversidade de respostas. Por isso, houve diversidade de perfis quanto a profissões e formações, vínculos de trabalho, idade, sexo e regiões de proveniência (Quadro 1).

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados²

| | |
|----------------------------|--|
| idade | entre 29 e 52 anos nas entrevistas breves e entre 31 e 52 anos nas mais profundas |
| sexo | 17 mulheres e 11 homens nas entrevistas breves e 7 mulheres e 6 homens nas mais profundas |
| formação | administração de empresas; análise de sistemas; biologia*; biblioteconomia; ciências contábeis; ciência da computação; comunicação social; direito*; economia; engenharia (diversas)*; educação física; estatística; fisioterapia*; fonoaudiologia*; geologia*; hotelaria; jornalismo; matemática*; medicina*; oceanografia*; pedagogia*; psicologia*; química industrial |
| profissão/ocupação atual | advogado*; agente imobiliário; analista técnico; analista de informática*; analista de recursos humanos*; analista de recrutamento*; coordenador de logística; comprador; engenheiro elétrico; engenheiro de petróleo*; engenheiro de segurança; engenheiro de telecomunicações*; fonoaudiólogo; gerente*; geólogo*; secretário executivo; médico*; microempresário; músico*; professor de educação básica*; professor universitário*; relações públicas; oceanógrafo*; psicólogo; supervisor de operações; vendedor |
| cidade de origem | Aracaju-SE*; Belém-PA*; Brasília-DF; Caçapava-SP; Campina Grande-PB*; Campos-RJ*; Duque de Caxias-RJ*; Fortaleza-CE*; Guarulhos-SP; Itaperuna-RJ; Itajubá-MG*; Londrina-PR*; Niterói-RJ*; Pelotas-RS*; Penápolis-SP*; Rio Grande-RS; Rio de Janeiro-RJ*; Salvador-BA; Várzea Grande-MT*; Vila Velha-ES; Vilhena-RO* |
| tempo de moradia na cidade | entre 3 e 8 anos |

O número de entrevistas foi definido pelo critério de saturação empírica (Pires, 2010), ou seja, as entrevistas pararam quando deixaram de trazer novos elementos para a pesquisa.

A experiência de trabalhadores que migraram em função de oportunidades ou exigências de trabalho parece rica para nossa investigação, na medida em que eles se veem em uma situação de ameaça à continuidade de pertencimento a redes sociais antigas e de possibilidade, e talvez necessidade, de reconstrução de novas relações sociais. Nessa situação, suas relações de pertencimento podem se transformar e seus comprometerimentos, reavaliados.

² Entre os 28 entrevistados iniciais, estão marcadas com asterisco as características das 13 pessoas entrevistadas em profundidade.

As entrevistas se fizeram a partir de roteiros semiestruturados que contemplavam quatro eixos temáticos: migração, trabalho, relações afetivas e relação com as cidades onde moram ou moraram e onde exercem ou exerceram suas atividades. Nessas entrevistas, foram estimuladas narrativas biográficas, conectadas com os sentimentos e opiniões sobre os temas abordados.

A análise que desenvolvemos a partir de discursos individuais leva em consideração que o que é dito pelos entrevistados não é reflexo fiel da realidade, mas sim aquilo que eles são capazes de dizer, dentro de sua visão de mundo e de suas intenções conscientes e inconscientes. Na construção das narrativas e das reflexões dos indivíduos, está presente, de modo indissociável, a perspectiva dos grupos sociais dos quais fazem parte. Assim, falas de indivíduos fornecem pistas sobre os parâmetros sociais que os orientam. Pressupomos ainda que, estando a história de vida de cada indivíduo profundamente entrelaçada com as demais, elas informam e refletem um conjunto de relações sociais (Almeida, 1995). Além disso, concordamos com Bauman (2008) que o que os indivíduos contam de sua vida tem papel constitutivo naquilo que eles vivem concretamente.

Com base nesses pressupostos, este artigo objetiva mostrar resultados da investigação dos pertencimentos e laços sociais estabelecidos no âmbito da cidade de Macaé por imigrantes internos e discutir hipóteses que os expliquem, com ênfase à configuração contemporânea do tempo e do espaço e à construção simbólica de lugares em espaços urbanos. Faz parte de um momento futuro da pesquisa, não contemplado substancial e profundamente neste artigo, investigar como sua condição de migrantes influencia naquela vivência.

A relação com a cidade e seus habitantes: laços e pertencimentos³

Nas narrativas biográficas, duas espécies de vínculos entre indivíduos ou dos indivíduos com coletivos são recorrentemente relatados: relações pessoais – com família, amigos e parceiro(a) romântico(a) – e relações de trabalhos. De uma maneira geral, as entrevistas coletadas indicaram a polarização das vidas entre uma esfera profissional e uma esfera que podemos chamar de pessoal, na qual se encaixam atividades de lazer e de autocuidado com a saúde do corpo e da mente e relações amorosas, familiares e de amizade.

Poucas atividades se revelaram que pudessem indicar outras maneiras de formar pertencimento, comunitário ou político – como, por exemplo, militância em qualquer movimento social ou sindical, tribos urbanas, comunidades de vizinhança ou qualquer outra comunidade. Apenas uma pessoa relatou trabalho voluntário, como atividade pontual. As três pessoas que afirmaram frequentar igrejas – que poderiam caracterizar pertencimentos comunitários – não disseram ser atuantes em grupo religiosos, mas sim frequentarem com postura introspectiva. Nessa polarização entre vida profissional e privada, não se insinuam brechas para formas de solidariedade local e pertencimentos que não os familiares ou de grupos de amigos.

Nas situações de migração, há relatos de pessoas solteiras que se mudaram sozinhas e de casados que, desde o início do processo de migração ou ao longo dele, acompanharam ou foram acompanhados por seus cônjuges e filhos. As relações com outros

³ Os resultados apresentados baseiam-se nas entrevistas em profundidade.

membros da família, parentes ou amigos passam a ser cultivadas pela internet, telefonemas e eventuais visitas. Alguns laços se enfraquecem, alguns se perdem, outros se criam onde se passa a morar.

Ainda que vários dos entrevistados façam referência à importância das relações face a face para a qualidade das relações pessoais, estas não ficam estritamente presas ao território, em tempos em que recursos tecnológicos permitem aceleração da velocidade de deslocamento e fácil comunicação, a despeito das distâncias espaciais. Os mesmos meios fornecem as condições para que o trabalho exija, com frequência, deslocamentos espaciais e, sobretudo, que haja exigência de conexão ao trabalho para além de lugares e horários estritos e convencionais. Quatro informantes afirmaram estar disponíveis constantemente para o trabalho e outros seis – em treze – declararam trabalhar, com certa frequência, fora do local e horários formais de trabalho.

Assim, os principais laços sociais estabelecidos por essas pessoas passam pelo território, mas não estão rigidamente presos a ele. Estar na cidade é parcialmente uma escolha. É difícil delimitar o grau de constrangimento criado pelo mercado de trabalho para que cada um aceitasse a migração. Nenhum dos informantes tinha motivos para ir para cidade que não dissesse respeito, centralmente, à oportunidade de trabalho. Aproximadamente metade deles (seis) estava predominantemente satisfeita com a cidade e pouco mais da metade (sete) não gostaria de morar nela.

Como membros da classe média, todos conseguem, com certa facilidade, “dar uma fugidinha da cidade”, como diz um dos entrevistados, em seus períodos de lazer. Nove deles afirmam sair da cidade pelo menos um fim de semana por mês. Um deles raramente fica na cidade nos finais de semana. É comum conhecer pessoas que permanecem na cidade apenas nos dias úteis. Às possibilidades de restringir a permanência na cidade, somam-se o uso das tecnologias para acesso virtual a serviços, comunicações e formas de lazer. É possível, assim, ter poucos contatos locais.

O trabalho é o vínculo principal que liga vários dos entrevistados à cidade, e em muitos casos, pode ser o único. Isso pode aparecer como empecilho a sentimentos de vínculo e pertencimento com a cidade, seja na percepção que os entrevistados têm de si mesmos e de suas vidas, seja na percepção que têm dos outros e de suas relações com a cidade.

Aqui [Macaé], como eu disse, o lugar aqui é para trabalho. Como eu acabei de dizer, passear aqui não existe, a cidade dorme cedo, não tem muitos eventos. Tem sim um show, uma ou outra coisa popular. Mas, se eu quero sair, “ah, hoje eu quero sair”... Você só tem restaurante. Você não tem um teatro, não tem grandes opções de cinema. Então, [é] uma cidade para trabalhar. Como eu falei, eu vim trabalhar. Quando eu fechar meu prazo, me mudo novamente (Roberta, 41 anos, há três cidade)⁴

Tem uma coisa diferente aqui em Macaé. Como as pessoas são de vários lugares, elas se juntam pela própria necessidade de conversar, de se ver, mas os vínculos com essas pessoas, com raras exceções, se junta, onde? No [clube] Tênis ou no bar, as pessoas que vieram. Existe uma distância entre as pessoas que são daqui, que falam “oi” p’ra

4 Todos os nomes foram substituídos por pseudônimo, para preservar o anonimato dos entrevistados.

todo mundo porque conhecem quase todo mundo, e as pessoas que vem p'ra cá, que ficam meio sozinhas e que se juntam p'ra fazer determinadas coisas, ou que são pessoas que já têm, que vêm, por exemplo, do trabalho. [...] Cada um fica por si, existe uma distância, uma coisa diferente de [outra cidade do interior do estado], onde eu morei quase vinte anos, que eu podia ser candidato a vereador lá, entendeu [risos]. Eu conheço todo mundo, meus filhos nasceram lá, então, eu tenho uma identidade muito grande com a cidade. Por isso inclusive que eu vou p'ra lá sempre, que seria o meu refúgio de vida, de ficar bem, de curtir. Aqui é uma questão de trabalho. Eu vejo isso com essa pessoa [mencionada anteriormente], por exemplo: completamente isolada, sozinha; tem a relação do trabalho, mas fica ali. E eu acho que acontece também não só com ela, mas com outras pessoas que eu conheço, que trabalham aqui, só trabalham aqui, têm uma casa e trabalham aqui e, no fim de semana, vazam, vão embora. Ou seja, estabelecem uma relação distante com a cidade (Marcos, 52 anos, há quatro na cidade).

Parece que todas as pessoas que vêm trabalhar estão meio fora da cidade, como se estivessem embarcadas. Você vai lá, trabalha e volta p'ra casa; trabalha e volta p'ra casa. E a cidade [fica] do lado (Rafael, 32 anos, há três na cidade).

Essa atitude identificada na relação com a cidade indica uma tendência que, no entanto, não pode ser generalizada. Sete dos entrevistados contam que fazem questão de conhecer vários aspectos da cidade, frequentar lugares além de seu trabalho e moradia, conhecer os problemas da cidade.

Perguntados sobre terem alguma forma de ação para a cidade melhorar, apareceram cinco respostas sobre voto consciente e nenhuma outra possibilidade foi identificada. O comprometimento com a cidade parece passar pelo voto, para parte dos entrevistados, e uma delas, falando sobre o assunto, indica também a utilização do comércio da cidade, maneira de aquecer a economia local, como forma de compromisso.

[Meu marido e eu] não somos pessoas que vêm só p'ra usufruir e sair fora de Macaé. Não, a gente contribui. Eu voto aqui – fiz questão –, eu vejo os problemas da cidade, eu quero participar, nós compramos um apartamento aqui. Quando a gente resolver mudar, se vamos vender ou não, isso a gente ainda vai decidir, mas a gente usa a cidade. Não é só vem, ganha e sai fora, não. A gente compra, faz as coisas aqui, apesar de ser um tanto quando mais cara que qualquer lugar onde a gente tenha vivido, né? (Roberta, 41 anos, há três na cidade).

Ao longo das entrevistas, a atuação em prol de questões locais se revela uma questão colocada a partir de fora das preocupações cotidianas dos indivíduos. Não se trata de uma questão que se coloca espontaneamente nos discursos, quando as pessoas falam de sua relação com a cidade. Isso, aliado à ausência de atividades nesse sentido, pode indicar escassez e fraqueza de comprometimento com questões locais.

Laços sociais locais em uma cidade em plena transformação

A princípio, algumas falas dos entrevistados apontam que a condição de migrante também na dificuldade de estabelecimento de laços fortes com a cidade – menos pela sua situação pessoal de imigrantes, e mais pela característica de ser Macaé uma cidade de imigração, com suas dinâmicas específicas de contato, aproximação e estranhamento entre as pessoas.

Macaé teve sua população aumentada de 42.221, em 1970, para os atuais 224.442 habitantes, tal como estimado pelo IBGE para 2013, a partir do Censo Demográfico de 2010⁵ (IBGE, 2010). O acentuado crescimento populacional ocorreu no bojo da instalação da Petrobras na cidade, na década de 1970, e de mais de 4000 outras empresas que lhe prestam serviço, instaladas no município e em seus arredores.

Segundo Paganoto (2008), há forte transitoriedade dos migrantes. Em parte, isso se explica pela recorrência da prática de contratos temporários no setor de petróleo, e em parte por causa do retorno de parte da população de baixa renda aos seus lugares de origem, por não conseguirem boas remunerações e o custo de vida ser alto, principalmente para aluguéis.

Também é forte a presença de migrantes pendulares, ou seja, daqueles que fazem deslocamentos diários ou semanais para fins de trabalho ou estudo. Segundo IBGE (2000⁶ apud Paganoto, 2008), 15299 pessoas frequentavam Macaé para fins de trabalho, o que faz com que 40,47% das vagas disponíveis no mercado de Macaé fossem ocupadas por pessoas não residentes no município. Ocorre inclusive mobilidade espacial caracterizada por deslocamentos de longa distância para trabalho ou estudo: segundo o recenseamento de 2000, trabalhavam ou estudavam em Macaé residentes de 201 municípios além dos seis que fazem fronteira com a cidade, inclusive de outras regiões (o que se explica pelas situações de trabalho não fixado em uma única localidade). Existe ainda expressivo número de estrangeiros nas ruas, mas poucos são os que fixam residência no município. Muitos estão ali prestando consultoria ou serviços breves (Paganoto, 2008).

Consideramos que vem dos amplos processos de mobilidade espacial na cidade de Macaé, a percepção de ser ela uma “terra de ninguém”, como mencionado em três entrevistas:

Ninguém liga p'ra cidade, é terra de ninguém. As pessoas vêm, querem ganhar seu dinheiro, depois vão embora, acabou. Quem tem dinheiro, quem trabalha p'ro petróleo, vai p'ro Rio no fim de semana, p'ra sei lá onde, vai p'ra casa, tem outra casa. Quando acabar o petróleo, vai todo mundo embora, vai p'ra outro lugar, outro emprego. A cidade que se lixe. É assim que as pessoas pensam (Júlio, 38 anos, há oito na cidade).

Quando vim p'ra Macaé, eu acho que, por um lado, tem uma coisa difícil, de ser uma terra de ninguém, mas também tem um ponto muito positivo: que as pessoas também se sentem do mesmo jeito, as pessoas se sentem fora dos seus ambientes. Então, as pessoas acabam sendo muito acolhedoras, nesse sentido. Elas acabam sendo muito próximas. É muito fácil você criar laços, você criar vínculos com as pessoas aqui (Eli-sa, 31 anos, há seis na cidade).

5 Em 2010, Macaé possuía 206.728 habitantes.

6 IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: resultados do universo. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 3 set. 2013.

Eu gosto do Brasil, gosto de estar perto das pessoas de que eu gosto. Gosto dessa liberdade que a gente tem, desse jeito mais próximo com as pessoas. Na minha região é assim, aqui [em Macaé], já nem tanto, mas, enfim, é porque aqui é meio terra de ninguém. Praticamente todo mundo vem de fora. Então, não dá muito p'ra saber se é a região ou se são as pessoas que vêm de fora que são assim, né? (Cristina, 33 anos, há três e meio na cidade).

O termo “terra de ninguém” chamou atenção por aparecer espontaneamente nas falas de três entrevistados. Ele é usado acima em dois sentidos. Primeiro, para se referir à falta de cuidados com a cidade (relatada, aliás, por dez dos entrevistados); na fala transcrita, essa falta está associada à falta de compromisso, que estaria enraizada nas atitudes de seus próprios moradores, ligadas à sensação de estarem de passagem – além da falta de cuidado por parte dos governantes, que aparece em outras falas. Em segundo lugar, a expressão se refere à falta de pertencimento, da mesma forma que aparece na fala de um entrevistado,⁷ que afirma que em Macaé “ninguém é daqui”.

O encontro, na cidade, entre muitas pessoas que “vêm de fora” coloca em pauta a questão do estranho, pensado – tal como em Ribeiro (2014) – como aquele indivíduo percebido como diferente em decorrência da falta de familiaridade e de laços compartilhados mediante tradição comum. É evidente a estranheza entre pessoas que chegaram há pouco tempo, que talvez não permaneçam por longo período na cidade, que se sentem diferentes umas das outras em termos de cultura regional.

As entrevistas mostram que as interações entre pessoas de origens diferentes podem ser vistas pelo lado positivo da pluralidade cultural e da abertura para o encontro (como demonstram as falas de Elisa, acima, e de Ana, abaixo), ou pelo lado negativo da dificuldade de interação com o diferente (ideia contida no trecho selecionado da entrevista de Cristina, acima, e de Cláudio, mais abaixo).

Eu acho que aqui é uma cidade ainda mais aberta, porque tem praia, as pessoas estão vindo de outros lugares, tem gente de tudo que é lugar do mundo. Então, isso parece que torna a cidade uma concepção mais aberta dos costumes, da cultura. Você encontra de tudo. Às vezes é chato, mas também tem umas coisas legais, diferenciadas (Ana, 33 anos, há sete na cidade).

[A adaptação a Macaé] foi bastante difícil, porque as culturas são muito diferentes, apesar de serem estados da mesma região. [O estado de onde eu vim] é um estado vizinho, mas a cultura é bastante diferente. [...] Passando pelo Espírito Santo e por Minas Gerais, a gente percebe que as culturas são bastante diferentes do estado do Rio de maneira geral. E Macaé, eu acho que porque tem essa miscigenação não só nacional, mas de forma mais abrangente, acaba se tornando mais difícil, essa adaptação (Cláudio, 34 anos, há oito na cidade).

⁷ Júlio, 38 anos, morando em Macaé há oito anos.

Pessoas que sentiram mais dificuldade de criação de laços com outras pessoas na cidade foram as que manifestaram menos afetividade pela cidade. Em geral, as que não gostam da cidade⁸ são as que menos declararam sentimento de compromisso local, mesmo por meio de voto. São também as mesmas pessoas que pensam em migrar mais rapidamente.

Mas tudo indica que as causas da fraqueza dos laços formados com a cidade estejam além das peculiaridades da cidade, da afinidade com ela ou da condição de migrantes. O fenômeno parece ser típico do momento histórico que vivemos globalmente.

Tempo/espaço e a significação dos lugares

Passamos, então, a explorar a hipótese de que a raridade e fraqueza de sentimentos de pertencimento a quaisquer esferas locais, bem como a pouca ênfase dada ao tema do comprometimento local nas narrativas biográficas, sejam decorrência da atual fase da modernidade, com sua nova configuração do tempo, do espaço e das suas relações, incluindo aceleração do tempo/espaço, ampliação das possibilidades de deslocamento e de desterritorialização como formas de poder e distinção, restrição e esvaziamento de espaços públicos destinados à convivência e interação e multiplicação dos não lugares, tal como conceituados por Augé (2012).

No período histórico atual, é fácil constatar que reinam as palavras de ordem “fluidez” e “competitividade”. Como assinalado por Milton Santos (1994), a fluidez apresenta-se como condição para a ação hegemônica em tempos de globalização, e a competitividade apresenta-se como base. Para o grau exacerbado de competitividade em que a sociedade contemporânea se encontra, a aceleração é indispensável. Mais que um único processo, trata-se de acelerações superpostas, concomitantes, incluindo aumento da velocidade de deslocamento de corpos e de transporte de ideias, nova evolução de potências e rendimentos, expansão urbana e do consumo e crescimento do número de objetos e de palavras.

A expansão do conhecimento está na origem desse movimento, segundo Santos (1994), e poderíamos acrescentar que os processos entrelaçados de acelerações impulsionam mais expansão do conhecimento, em um processo cíclico. Ainda de acordo com Santos (1994), à velocidade se soma o império da imagem e da forma, atrapalhando a ideia de duração e a lógica de sucessão, de modo a originar a “sensação de um presente que foge”, de efemeridade (Santos, p. 16).

Faz sentido pensar que tal efemeridade dificulta o estabelecimento de compromissos. Em nossa pesquisa empírica, compromissos aparecem quase restritos ao âmbito familiar. Ser bom profissional é um compromisso, mas pouco importa onde, já que carreira não está atrelada a uma única instituição, ligando-se apenas à trajetória do indivíduo.

O próprio lugar onde se vive é pensado como provavelmente passageiro pelos migrantes entrevistados. Onze, entre os treze informantes, manifestaram-se abertos a possibilidades futuras de nova migração e seis deles têm planos concretos nesse sentido. Impera a lógica do deixar o lugar de que não se gosta para procurar outro melhor, o que é possibilitado pelas facilidades contemporâneas de mobilidade e, possivelmente, impulsionado pelo sentimento de impotência para transformar o entorno.

⁸ Seis pessoas afirmam gostar ou gostar muito da cidade, duas gostam razoavelmente e cinco não gostam ou a detestam.

○ que a maior parte dos entrevistados espera de uma cidade não é algo completamente diferente do que encontram onde estão: deseja-se, principalmente, que os serviços, públicos e privados, que consideram que ali funcionam mal (segurança, transporte, educação, cultura e comércio, sobretudo) possam funcionar melhor.

Assim, de maneira contraditória – não por contradição da ação individual, mas da realidade em si – muitas vezes os planos de mudança se dão em busca daquilo que é parecido em quase toda parte. Sob a cultura mundializada, os espaços tendem a ser esvaziados de seus conteúdos particulares e preenchidos com objetos mundializados. Ironicamente, a competição entre as cidades, na busca de diferenciais que atraiam pessoas com dinheiro, acaba por homogeneizá-las (Harvey, 1993).

No atual estágio de modernidade (ou pós-modernidade, para alguns autores), as cidades tendem a ter um número cada vez maior de espaços altamente impessoais. Augé (2012) cria o conceito de não lugares em oposição ao conceito de lugares antropológicos. Estes oferecem princípios de sentido àqueles que os frequentam e lhes fornecem elementos de identidade individual ou coletiva. ○ contrário ocorre com os não lugares.

Os não lugares são espaços construídos em função de certos fins (como transporte, trânsito, comércio, ou lazer) e apresentam algumas características peculiares, que destacamos aqui em função de nossos temas de discussão: ao usar esses espaços, os indivíduos interagem com textos, em telas, painéis e cartazes, cujos enunciadores são instituições ou empresas (aerportos, polícia rodoviária, companhias aéreas, supermercados etc.); a relação entre o não lugar e o seu usuário é contratual; o momento presente impera; reinam a solidão e a similitude do indivíduo, em vez de sua identidade singular e da relação com outros, na medida em que todas as pessoas obedecem aos mesmos códigos, respondem às mesmas solicitações e são tratados da mesma maneira (Augé, 2012).

A multiplicação dos não lugares é considerada por Augé (2012) como um resultado de uma das transformações aceleradas que marcam a supermodernidade (como ele chama uma das faces da realidade contemporânea): o excesso de espaço, ligado à ampliação das escalas espaciais e à rapidez dos meios de transporte. Trata-se de:

Um mundo prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero [...], [com suas] clínicas para nascer e hospitais para morrer e com muitos pontos de trânsito, meios de transporte que são espaços habitados e ocupações provisórias (por exemplo, hotéis, clubes de férias, acampamentos de refugiados, supermercados etc.) (Augé, 2012, p. 74).

De acordo com Augé (2012), a proliferação dos não lugares contribui para que os indivíduos contemporâneos experimentem novas formas de solidão. Nesses espaços impessoais de passagem, as condições são as menos propícias para a formação de laços sociais ou mesmo para o estabelecimento de um diálogo com real expressão e debate de ideias ou sentimentos.

De modo semelhante, Bauman (2001) enfatiza que a atual fase da modernidade – que ele chama de líquida, para ressaltar sua maleabilidade de forma e leveza – é pobre em espaços que permitam o exercício da civilidade. Esta é caracterizada principalmente pela capacidade de interagir com estranhos, reconhecendo e aceitando suas diferenças de subjetividade. Espaços

de consumo e de compras, tão presentes nas cidades contemporâneas, podem ser pensados como espaços públicos não civis, segundo Bauman (2001): neles, os atos praticados são individuais, a presença de outros é pouco ou nulamente considerada em sua subjetividade (a não ser, talvez, na medida em que a subjetividade do consumidor seja considerada em suas estratégias de aumento das vendas) e, nesse sentido, não existe real intercâmbio e diálogo com estranhos.

Ao serem perguntados sobre os lugares que frequentam, constante ou esporadicamente, além do trabalho, os entrevistados listaram espontaneamente: comércio (todos); bares e restaurantes (10); praia (7); casas de amigos ou familiares (6); cinema (4); cursos de graduação, graduação ou língua (4); igreja (3); boate (1); campo de futebol (1). Os encontros nos espaços públicos que não são diretamente de comércio aparecem, em sua maioria, como locais de encontro com pessoas já conhecidas, para lazer. Na frequência às igrejas, foram relatadas perspectivas introspectivas, de poucas interações. Faltam espaços onde se possam trocar ideias com estranhos e pensar questões coletivas.

Concordamos com Bauman (2001) que o mundo atravessa uma crise do espaço público. Nesse processo, vemos fortalecer-se a incapacidade dos seres humanos de lidarem com a pluralidade uns dos outros, bem como o incômodo e a ansiedade oriundos da presença de estranhos. Da falta de espaços públicos civis, advém a dificuldade de criação da prática de pensar coletivamente os problemas que atingem indivíduos, mas que se originam da organização social da vida.

Em situações em que os espaços públicos, cada vez mais, se restringem a esses espaços de consumo, não civis, vemos o rareamento e enfraquecimento das oportunidades para criação de laços sociais, de pertencimentos e de comprometimentos, em âmbito local ou além dele.

Considerações finais

Em síntese, as narrativas biográficas levantadas nesta pesquisa expressam uma tendência de polarização entre as esferas profissional e pessoal, faltando oportunidades para formar outros laços, pertencimentos e compromissos. Vários entrevistados expressam dificuldade de se sentir pertencimento a uma cidade à qual, por sua dinâmica social de intensa mobilidade espacial, não conseguem atribuir identidade.

A cidade é rica em situações de encontro de cada indivíduo com outros, que aparecem como estranhos, no sentido de serem pessoas com as quais não se enxergam, em princípio, traços culturais comuns e familiares (Ribeiro, 2014). Para várias pessoas, a divergência incomoda mais do que podem fazer crer as caracterizações dos tempos atuais como de aceitação da alteridade.

Sem identidade com a cidade, paradoxalmente os meios de comunicação, que desconnectam tempo e espaço e as facilidades de deslocamento com velocidade, criam condições para a sensação de distanciamento com a cidade onde se vive. Esses deslocamentos trazem uma questão importante no debate sobre seu papel e significado nas reações de poder. De acordo com Bauman (1999), no mundo da velocidade, a mobilidade diferencia, hierarquiza e segrega, de modo a se tornar um importante fator de estratificação social. Isso é bem visível na relação entre capitalistas e trabalhadores: com a desterritorialização dos centros de produção de significados e valores, os sentidos e as decisões que afetam a vida nas localidades são defini-

dos fora delas, e a mobilidade das elites financeiras facilita sua desresponsabilização quanto aos moradores dos locais que venham a ser prejudicados por suas decisões. A pouca importância dada a esses prejuízos é agravada pela diminuição das experiências de alteridade.

Mas qual é o significado da mobilidade dos membros da classe média? Por um lado, os deslocamentos são tentativas de mais liberdade em relação aos condicionantes locais. Por outro lado, a escolha de cidade onde viver – incluindo as estratégias de migração – é claramente condicionada pelo mercado de trabalho (em última instância, do capital). Na tentativa de fugir do lugar – pelos deslocamentos frequentes e pelo mundo virtual –, há uma armadilha, quando se está, no fundo, preso ao lugar com o qual não se estabelece compromisso.

Mas a principal dificuldade para criar vínculos aparece associada à falta de acesso a espaços públicos de diálogo com estranhos – que então se tornariam menos estranhos – e de criação e encaminhamento de soluções coletivas para questões de origem social que influem na vida privada, como as que envolvem trabalho, moradia, qualidade de vida etc. Trata-se de uma questão que se reflete localmente, mas é global.

Pode não haver acesso a espaços públicos pela falta deles e/ou por seu esvaziamento devido a desinteresse, a descrédito de sua efetividade ou por não saber sobre como participar deles. No primeiro caso, a alternativa seria criar espaços públicos. No segundo, que pode se somar ao primeiro, a solução passaria por um empoderamento dos cidadãos, do qual a educação formal e informal seria primordial para a participação qualificada nos espaços de diálogo sobre problemas coletivos como, por exemplo, audiências públicas, reuniões de organizações de bairros, conselhos municipais, orçamentos participativos etc.

Enfim, tudo indica que os atuais modelos de encaminhamento da vida não sustentam a criação/consolidação de vínculos para além da esfera privada e dos instáveis laços do trabalho – seja pela tendência ao individualismo na condução da vida, seja pela insatisfação pelos atuais modos de condução política da vida social. Nada sugere que a polarização entre trabalho e vida privada seja exclusiva da cidade onde ocorreu a pesquisa; pelo contrário, ela parece existir ali como evidência de uma tendência mais geral. Assim, é um grande desafio da contemporaneidade inventar maneiras de forjar laços sociais que ensejem compromissos para além da esfera privada, para que os problemas da vida individual – mas têm origem social – sejam pensados e resolvidos coletivamente, de modo que as pessoas não se sintam perdidas em “terras de ninguém”.

Referências

- ALMEIDA, M. Histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 44, p. 125-151, 1995.
- AUGÉ, M. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.
- BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada*: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- DURKHEIM, E. *A divisão do trabalho social*. Lisboa: Presença, 1984.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: resultados preliminares*. Rio de Janeiro, IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 set. 2013.
- LEAL, G. F. *Exclusão social e ruptura dos laços sociais: análise crítica do debate contemporâneo*. Florianópolis: UFSC, 2011.
- PAGANOTO, F. *Mobilidade e trabalho em Macaé/RJ, a "capital do petróleo"*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POU-
PART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petró-
polis: Vozes, 2010. p. 154-211.
- RIBEIRO, L. *Estranhos no mundo contemporâneo: exclusão social, preconceito e intolerância*. São Paulo: Appris, 2014.
- SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS,
M. et al. (Org.). *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SENNET, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.
- SILVA NETO, R. et al. Desafios para o desenvolvimento sustentável no Município de Macaé-
-RJ. *Perspectivas Online*, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 3, p. 60-73, 2007.